



Ano 4, Vol. VI, Número1, pág. 7-26, Humaitá, AM, jan.-jun. 2011.

## COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS ENTRE PARES E PADRÕES DE VINCULAÇÃO: UM ESTUDO COM JOVENS ADOLESCENTES

Madalena Melo

[mmm@uevora.pt](mailto:mmm@uevora.pt)

Universidade de Évora

Maria Duarte

[mariaduarte86@gmail.com](mailto:mariaduarte86@gmail.com)

Externato Oratório S. José – Escola Salesiana de Évora

**RESUMO:** O presente estudo, desenvolvido com 237 jovens de três escolas do distrito de Évora, teve como objectivos caracterizar e analisar os comportamentos relacionados com situações de *bullying* (vitimação, agressão e observação); e analisar a existência de eventuais relações entre padrões de vinculação e comportamentos agressivos entre pares. Utilizaram-se dois questionários de auto-relato, nomeadamente o *QEVE – Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar* (Martins, 2003), que mede os comportamentos de agressão, vitimação e observação; e o *IVIA – Inventário sobre Vinculação para a Infância e a Adolescência* (Carvalho, Soares & Baptista, 2006), que analisa um conjunto de comportamentos e representações da vinculação na infância e na adolescência. Ambos os instrumentos mostraram boas qualidades psicométricas. Os resultados mostraram uma clara prevalência de situações de observação, relativamente às situações de agressão e de vitimação. Em todas estas situações, os comportamentos relacionados com a *Exclusão Social e Agressão Verbal* são os mais frequentes, comparativamente aos comportamentos relacionados com a *Agressão Física*. Os rapazes apresentaram médias mais elevadas em todas as escalas; os estudantes com menor percepção de suporte social na escola eram os que evidenciavam mais comportamentos de vitimação. No que se refere aos padrões de vinculação, os resultados mostraram que a vinculação segura parece funcionar como um factor protector para a vitimação e para a agressividade. A partir dos resultados obtidos, serão analisadas pistas para uma intervenção psico-educativa.

**Palavras-chave:** Agressão. Vitimação. *Bullying*. Vinculação. Pares.

## AGGRESSIVE BEHAVIORS AMONG PEERS AND ATTACHMENT PATTERNS: A STUDY WITH YOUNGSTERS

**ABSTRACT:** This study was conducted among 237 youngsters from three schools in the district of Évora (Portugal). Their objectives were to characterize and analyze the behavior related with bullying (victimization, aggression and the observation), as well as to examine the existence of possible relationships between attachment patterns and aggressive behavior among peers. We used two self-report questionnaires: *QEVE – Questionnaire of School Violence and Social Exclusion* (Martins, 2003), which measures the behaviors of aggression, victimization and observation; and *IVIA – Inventory on Attachment for Childhood and Adolescence* (Chapman, Smith & Baptista, 2006), which analyzes a set of behaviors and representations of attachment in childhood and adolescence. Both instruments showed good psychometric qualities. The results showed a clear prevalence of observation situations, followed by situations of aggression and victimization. In all these situations, behaviors related to social exclusion and verbal aggression are more frequent, compared to behaviors related to physical aggression. The boys had the highest average on all dimensions; students with lower perceptions of social support at school demonstrate more victimization behaviors. With regard

to attachment patterns, the results showed that the secure attachment appears to function as a protective factor for victimization and aggression. From the obtained results, we will analyze some clues for a psychoeducational intervention.

**Keywords:** Aggression. Victimization. Bullying. Attachment. Peers.

## INTRODUÇÃO

O tema da violência escolar, em especial, dos maus-tratos entre pares – *bullying* – é um tema cada vez mais oportuno, ainda mais porque se debatem, actualmente, as graves consequências deste a nível social e escolar. Considerando os tratados internacionais (Convenção dos Direitos da Criança, Declaração Universal dos Direitos Humanos), poder-se-á dizer que para uma criança é um direito fundamental sentir-se segura na escola e ser poupada à opressão e humilhação implicadas no *bullying* (Olweus & Limber, 2010).

Nos últimos anos, tem-se verificado um aumento substancial na investigação nesta área, uma vez que é um fenómeno cada vez mais crescente e com contornos cada vez mais complexos, que deixa marcas irreparáveis nos seus intervenientes (Martins, 2009; Olweus & Limber, 2010) e que afecta, inevitavelmente, todo o clima escolar e as vivências no seu seio (Sharp & Smith, 1994).

O *bullying* pode ser definido como uma subcategoria do comportamento agressivo (Martins, 2009) ou, nas palavras de Hazler (1996, p. 6), “*as repeatedly (not just once or twice) harming others. This can be done by physical attack or by hurting other’ feelings through words, actions, or social exclusion. Bullying may be one person or by a group. It is an unfair since the bully is either physically, verbally and/or socially stronger than the victim*”. Estes comportamentos de abuso sistemático ocorrem na relação entre pares (Sharp & Smith, 1994) e têm como base a desigualdade de poder entre os intervenientes (Freire, Veiga Simão & Ferreira, 2006), inscrevendo-se numa relação de poder assimétrica onde há o intuito [intencionalidade] de intimidar e causar sofrimento a uma vítima, mais vulnerável, de forma continuada e sistemática. Noutras palavras, o *bullying* pode ser definido segundo os seguintes critérios (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001; Olweus, 1999b): (i) a intencionalidade do comportamento, isto é, o comportamento tem um objectivo

que é provocar mal-estar e ganhar controlo sobre outra pessoa; (ii) o comportamento é conduzido repetidamente e ao longo do tempo, isto é, este comportamento não ocorre ocasionalmente ou isoladamente, mas passa a ser crónico e regular; (iii) um desequilíbrio de poder é encontrado no centro da dinâmica do bullying, onde normalmente os agressores vêem as vítimas como um alvo fácil.

O interesse por este tema começou nos anos 70, tendo como protagonista Dan Olweus (1993; 1999a; 1999b; Olweus & Limber, 2010), que levou a cabo numerosos estudos nos países escandinavos. Os resultados alarmantes encontrados com os seus estudos e a cada vez maior preocupação da sociedade com este fenómeno, levou a um aumento da investigação nesta área e a consequente elaboração de programas de prevenção do bullying nas escolas. O interesse sobre esta temática alargou-se a outros países europeus, como por exemplo na Inglaterra (Whitney and Smith, 1993), em França (Fabre-Cornali, Emin & Pain, 1999), Itália (Fonzi et al, 1999), em Espanha (Ortega & Mora-Merchan, 1999) e em Portugal (Almeida, 1999; Carvalhosa, Lima & Matos, 2001; Carvalhosa & Matos, 2005; Duarte & Melo, 2010; Martins, 2009; Pereira, 2002; Pereira & Melo, 2009) e, rapidamente, se estendeu por todo o mundo.

O bullying manifesta-se de várias formas (Freire, Veiga Simão & Ferreira, 2006; Martins, 2009; Olweus, 1999a e 1999b), podendo caracterizar-se como: (i) *directo e físico*, que implica atacar fisicamente outra pessoa, roubar ou danificar os seus pertences; (ii) *directo e verbal*, que implica chamar nomes, opor-se com uma atitude desafiadora e ameaçar; (iii) *indirecto*, que implica espalhar rumores pejorativos ou isolar socialmente. No entanto, o bullying é mais frequente sob a forma de agressão verbal, seguindo-se agressão física e a agressão indirecta (Olweus, 1999a, 1999b).

Mas, o bullying não é um comportamento que ocorre isoladamente entre alguns colegas, mas é sim, um fenómeno de grupo. Por esse motivo, deve ser visto numa perspectiva ecológica que tenha em consideração os factores familiares, escolares, as relações com os colegas e com a comunidade (Melo & Pereira, 2007; Nickerson, Mele & Princiotta, 2008; Pereira & Melo, 2006).

Daí a importância do tema da vinculação, que estuda as relações estabelecidas pelas crianças com as suas figuras de vinculação e a forma como essas relações se transformam ao longo do desenvolvimento (Soares, 2007) e vão criando condições para o estabelecimento de outras relações extra-familiares, nomeadamente com os pares. A vinculação é mediada por um conjunto de diferentes comportamentos mais simples, dirigidos para uma figura específica – figura de vinculação – que são progressivamente mais complexos e sofisticados e que vão sendo organizados e coordenados num sistema comportamental, activado em determinadas situações percebidas pela criança como geradoras de stress ou como perigosas (Bowlby, 1969/1982).

Ao longo de todo o ciclo vital, o ser humano necessita de manter e estabelecer relações com figuras significativas, das quais obtenha suporte e protecção (Bretherton & Munholland, 1999). Segundo a Teoria da Vinculação, crianças com vinculações seguras desenvolvem, modelos internos dinâmicos delas próprias como seres amados, merecedores de atenção e de afecto, competentes para se confrontarem com o mundo e dos outros como confiáveis e capazes de dar suporte (Bowlby, 1973; Eliot & Cornell, 2009). Neste sentido, Bowlby (1973) defende que a criança elabora um conjunto de expectativas acerca do próprio, dos outros e do mundo em geral, que correspondem à interiorização de características das suas interacções com os pais, que designou de “*working models*”, modelos representacionais ou modelos internos dinâmicos, descrevendo-os como «*representações mentais, conscientes e inconscientes, do mundo e de si próprio que ajudam o indivíduo a perceber os acontecimentos e a antever e architectar planos para o futuro*» (Bowlby, 1973, p. 203).

Estes modelos constituem-se em importantes grelhas de leitura na interpretação e na previsão de comportamentos, influenciando os padrões de interacção nas relações de proximidade emocional (Soares, 1996a e 1996b).

Os modelos internos dinâmicos desenvolvidos na infância continuam a ser importantes, mesmo quando o adolescente estabelece novas relações. Soares (1996a) relata que esta continuidade pode ocorrer pela assimilação das novas relações às expectativas que são consistentes com o modo como o

indivíduo representa as suas relações. Mudanças desenvolvimentais podem implicar transformações ao nível dos modelos internos dinâmicos.

A vinculação parece ajudar a explicar o papel das crianças/jovens nos comportamentos de bullying, quer como vítimas quer como agressores. Uma vinculação insegura é associada a um maior risco de vitimação e, também, a vinculação evitante se pode relacionar com a agressão instrumental (Nickerson, Mele & Princiotta, 2008).

Os estudos longitudinais de Sroufe et al (2005) mostram que crianças com uma vinculação segura desenvolvem relações de melhor qualidade quer com as figuras parentais quer com os pares e são mais persistentes e cooperantes na resolução de problemas, desenvolvem melhores capacidades de regulação e compreensão emocional e diminuem a probabilidade de desenvolvimento de problemas de comportamento na infância. Já as crianças com vinculações inseguras ansiosas/ambivalentes são pouco competentes no domínio social, apesar de procurarem a interação com os pares, são pouco competentes na iniciação e manutenção das relações, devido à sua imaturidade e rapidez com que se sentem. Em situações de conflito, são crianças que persistem menos na resolução dos problemas e tendem a afastar-se (Sroufe et al, 2005). Por fim, as crianças inseguras evitantes são as que apresentam mais dificuldades nas relações com os pares, especialmente nas relações que envolvam um contacto emocional mais próximo. São crianças isoladas e distantes e que evidenciam alguma antipatia. De acordo com este estudo, uma vinculação insegura pode funcionar como um factor de risco para o aparecimento de problemas de internalização, nomeadamente isolamento e inibição emocional, e para problemas de externalização, nomeadamente agressividade e comportamentos hostis (Greenberg, 1999) e a vinculação segura como um factor protector à ocorrência de comportamentos de agressão e vitimação em contexto escolar (Sroufe et al, 2005). Perry, Perry & Boldizar (1990) estudaram a agressividade na infância e verificaram que crianças com uma vinculação insegura evidenciavam um maior isolamento, irritabilidade, agressão e desobediência, quer para com os pares, quer para com os professores. Moss et al (1998) referem que a contenção de afectos negativos e

as expectativas de rejeição, que caracterizam as crianças inseguras evitantes, podem conduzi-las da passividade a situações mais conflituosas, devido à internalização de expressões afectivas como a raiva e a tristeza.

Desta forma, a vinculação na adolescência é um tema alvo de grande interesse, pela possibilidade de verificar as trajectórias de desenvolvimento, no sentido de se compreender as implicações dos processos de vinculação precoce no desenvolvimento da infância e da adolescência, nos domínios do self e das relações interpessoais relativos ao funcionamento sócio-emocional e cognitivo e à adaptação a diferentes contextos de vida (Jongenelen, Carvalho, Mendes & Soares, 2007).

## **MÉTODO**

### *Objectivos*

O estudo que se apresenta tem como objectivos, em primeiro lugar, conhecer a incidência e as manifestações dos comportamentos de agressão, vitimação e observação (de agressão e a vitimação) em contexto escolar, em segundo lugar, caracterizar estes mesmos comportamentos, examinar as relações entre os comportamentos de agressão, vitimação e observação (de agressão e vitimação) em contexto escolar e a vinculação, de jovens do 7º ano de escolaridade de Évora. Para além destes objectivos, este estudo pretendeu compreender a relação entre o desempenho escolar, o sentimento pela escola e a percepção de amigos na escola e os comportamentos de agressão e vitimação em contexto escolar entre pares.

### *Amostra*

O estudo foi realizado em três escolas da zona de Évora. Participaram 237 jovens, 134 do sexo feminino e 103 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 11 anos e os 17 anos, que frequentavam o 7º ano de escolaridade. A escolha do 7º ano de escolaridade para a realização deste estudo prende-se com o facto de que, tal como referem Amado & Freire (2002) e Olweus (1999a; 1999b), os momentos de transição, como as transições de ciclos de escolaridade ou mudanças de escola, parecem ser os de maior

susceptibilidade para a ocorrência de comportamentos de agressão e vitimação em contexto escolar. Mais, Carvalhosa (2007) refere que o pico de ocorrência destes comportamentos se situa na idade de 13 anos, idade que corresponde, em termos lectivos, ao 7º ano de escolaridade.

### *Instrumentos*

De forma a atingir os objectivos atrás referidos e de se responder às questões de investigação realizadas, foram utilizados três instrumentos de recolha de dados nesta investigação, designadamente: um Questionário de Caracterização Pessoal e Escolar (Duarte & Melo, 2009), o Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar – QEVE (Martins, 2003, 2009) e o Inventário sobre a Vinculação na Infância e na Adolescência – IVIA (Carvalho, 2007). O Questionário de Caracterização Pessoal e Escolar incluía questões relacionadas com a caracterização pessoal (idade, sexo, ...), com o percurso escolar (retenções), com a percepção sobre o desempenho escolar, com os sentimentos face à Escola e com as relações sociais / amizades na Escola. O Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar – QEVE (Martins, 2003, 2009) é um questionário de auto-relato sobre o envolvimento em comportamentos de bullying. É dividido em 3 escalas, da vítima, do agressor e do observador, sendo que cada escala é constituída por um conjunto de 15 itens que visam avaliar em que medida o respondente foi vítima/agressor/observador de diferentes formas de agressão. Nestes conjuntos de 15 itens que compõem as 3 escalas do questionário, os 4 primeiros itens dizem respeito a situações de exclusão social ou bullying indirecto, os 2 itens seguintes remetem para a agressão verbal, os 5 itens posteriores dizem respeito a situações de violência com agressão menor e os últimos 4 itens referem-se a situações de violência com agressão grave. O Inventário sobre a Vinculação na Infância e na Adolescência – IVIA (Carvalho, 2007) é um questionário de auto-relato sobre comportamentos de vinculação (24 itens) que se divide em três dimensões: Vinculação Segura, Vinculação Ansiosa/Ambivalente, Vinculação Evitante.

### *Procedimentos*

Após obtenção das necessárias autorizações (dos órgãos directivos e pedagógicos dos estabelecimentos de ensino envolvidos e dos encarregados de educação dos alunos das turmas do 7º ano de escolaridade das referidas escolas), os questionários foram passados a todos alunos que, de forma voluntária e informada, decidiram participar.

O tratamento estatístico dos dados obtidos foi efectuado através do programa SPSS para Windows, versão 16.

## **RESULTADOS**

Inicialmente, procedeu-se à análise descritiva da frequência de cada uma das escalas do QEVE. Na Tabela I apresentam-se as médias e desvios-padrão de cada uma das escalas.

Como se pode verificar, nas três escalas – Vitimação, Agressão e Observação – os itens com médias mãos elevadas são os que se referem a situações de exclusão social e de agressão verbal. Em todas os itens, as situações de observação são mais frequentes do que situações de agressão ou vitimação. Estes resultados apontam no mesmo sentido dos encontrados por Martins (2009) no seu estudo com a população portuguesa.

Considerando-se os resultados obtidos, o item 15 foi excluído das análises posteriores.

O QEVE mostrou ter uma boa consistência interna, tendo-se obtido os seguintes valores de  $\alpha$  de Cronbach: questionário total:  $\alpha = 0,897$ ; escala de vitimação:  $\alpha = 0,826$ ; escala de agressão:  $\alpha = 0,787$ ; escala de observação de vitimação/agressão:  $\alpha = 0,916$ .

Os dados relativos à consistência interna do QEVE obtidos são semelhantes aos encontrados por Martins (2005; 2009) num estudo levado a cabo com a população portuguesa utilizando o mesmo instrumento.



**Tabela I:** Médias e desvio padrão das respostas aos 15 itens das escalas de observação do QEVE

Itens (abreviados)	Escala de Vitimação		Escala de Agressão		Escala de Observação	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
01. Ignoram-me; Ignorei um colega; Vi ignorarem um colega	1,30	0,48	1,38	0,60	1,76	0,72
02. Impedem-me...; Impedi...; Vi impedirem um colega de participar nas ... actividades	1,24	0,53	1,12	0,35	1,64	0,74
03. Falam mal de mim; Falei mal de um colega; Vi falarem mal de um colega	1,60	0,59	1,50	0,57	2,01	0,82
04. Rejeitam-me; Rejeitei um colega; Vi rejeitarem um colega	1,23	0,49	1,17	0,42	1,72	0,71
05. Insultam-me e gozam-me; Insultei e/ou gozei um colega; Vi insultarem e /ou gozarem um colega	1,40	0,58	1,31	0,49	1,92	0,80
06. Chamam-me nomes ...; Chamei nomes ...; Vi chamarem nomes que ofendem e ridicularizam a um colega	1,36	0,61	1,19	0,43	1,74	0,80
07. Escondem-me coisas; Escondi as coisas de um colega; Vi esconderem coisas de um colega	1,47	0,56	1,23	0,45	1,61	0,81
08. Estragam-me coisas; Estraguei as coisas de um colega; Vi estragarem coisas de um colega	1,15	0,49	1,03	0,16	1,37	0,62
09. Roubaram-me coisas; Roubei as coisas de um colega; Vi roubarem coisas de um colega	1,06	0,26	1,00	0,07	1,26	0,56
10. Batem-me; Bati num colega; Vi baterem num colega	1,12	0,36	1,16	0,39	1,51	0,64
11. Ameaçam-me ...; Ameacei um colega...; Vi ameaçarem um colega, para lhe meter medo	1,09	0,39	1,08	0,28	1,35	0,59
12. Obrigam-me ...; Obriguei ...; Vi obrigarem, através de ameaças um colega a fazer coisas que não quer	1,03	0,15	1,01	0,09	1,14	0,40
13. Intimidam-me ...; Intimidei ...; Vi intimidarem um colega com frases ou insultos de carácter sexual	1,06	0,29	1,03	0,18	1,15	0,46
14. Obrigam-me ...; Obriguei ...; Vi obrigarem um colega a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual, contra a sua vontade	1,00	0,07	1,01	0,09	1,08	0,33
15. Ameaçam-me com armas; Ameacei um colega com armas; Vi ameaçarem um colega com armas	1,00	0,00	1,00	0,07	1,08	0,36

Os resultados obtidos na análise factorial em componentes principais, com rotação Varimax, foram os seguintes: **Escala de Vitimação:** dois factores, explicativos de 46,84% da variância total – *Exclusão Social e Agressão Verbal* (8 itens, explicativos de 26,73% da variância total) e *Agressão Física* (6 itens, explicativos de 20,08% da variância). **Escala de Agressão:** três factores,

explicativos de 48,33% da variância total – *Exclusão Social e Agressão Verbal* (7 itens, explicativos de 22,27% da variância); *Violência com agressões graves* (4 itens; 16,64% da variância); *Violência com agressão menor* (3 itens; 9,41% da variância). **Escala de observação de vitimação/agressão:** dois factores explicativos de 60,29% da variância total – *Exclusão Social e Agressão Verbal* (9 itens, explicativos de 48,53% da variância); *Agressão Física* (5 itens; 11,76% da variância). Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre sexos, nas dimensões *Vítima – Agressão Física* ( $t = 3,685$ ;  $gl = 235$ ;  $p < 0,001$ ), *Agressor – Exclusão Social e Agressão Verbal* ( $t = 2,270$ ;  $gl = 235$ ;  $p = 0,024$ ), *Agressor – Violência com agressões menores* ( $t = 2,508$ ;  $gl = 235$ ;  $p = 0,013$ ) e *Observador – Exclusão Social e Agressão Verbal* ( $t = 2,182$ ;  $gl = 235$ ;  $p = 0,030$ ), com os rapazes a apresentarem médias superiores às raparigas na vitimação, agressão e observação. Estes resultados corroboram os encontrados noutros estudos nacionais e internacionais, apontando sempre para os rapazes como apresentando mais comportamentos quer de vitimação quer de agressão para com os seus pares (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001; Olweus, 1999a; 1999b; Pereira, 2002; Whitney & Smith, 1993).

Em relação ao sentimento pela escola, as médias das escalas de agressão e de vitimação (na dimensão *Vítima – Agressão Física* ( $F = 2,697$ ;  $p = 0,047$ ), *Agressor – Exclusão Social e Agressão Verbal* ( $F = 4,440$ ;  $p = 0,005$ )) mostram que são os alunos que gostam menos da escola que apresentam mais comportamentos agressivos e vitimação de cariz mais físico. Estes resultados vão de encontro aos verificados por Spriggs, Iannotti, Nansel & Haynie (2007) que verificaram que alunos com sentimentos pela escola mais negativos apresentavam uma maior tendência para apresentar comportamentos de agressão e de vitimação. Relativamente à percepção de amigos, as médias da dimensão *Vítima – Exclusão Social e Agressão Verbal* ( $F = 14,257$ ;  $p < 0,001$ ) mostram que alunos que percepcionavam ter “Nenhuns/Poucos Amigos” apresentavam um maior número de comportamentos de vitimação. O mesmo se verificou na dimensão *Vítima – Agressão Física* ( $F = 10,196$ ;  $p < 0,001$ ), cujas médias dos alunos que percepcionavam ter “Nenhuns/Poucos Amigos” foram muito superiores às restantes.

Foram realizadas correlações entre as várias dimensões do QEVE e concluiu-se que os diferentes tipos de vitimação ( $r = 0,407$ ) e de observação ( $r = 0,675$ ) têm correlações significativas entre si. Em relação à agressão, todos os tipos têm correlações entre si, com a exceção do ser Agressor – Violência com agressões graves e do ser Agressor – Violência com agressões menores, onde não se encontrou nenhuma correlação. Estes dados parecem apontar para que alguns alunos vítimas são, simultaneamente, vítimas de violência verbal/exclusão social e de violência física, sendo estes resultados semelhantes aos encontrados por Martins (2009). A mesma conclusão se poderá tirar para os agressores, sendo que alguns agressores que excluem socialmente as suas vítimas também as agredem fisicamente, o que é semelhante aos resultados encontrados por Martins (2009). No entanto, é de realçar que alguns alunos que são agressores (“agressor – violência com agressões menores”) não são agressores de actos violentos (“agressor – violência com agressões graves”). Em relação às situações de vitimação, verificam-se correlações entre a o ser vítima e ser agressor de exclusão social ( $r = 0,420$ ), entre o ser vítima de agressões físicas e o ser agressor de violência grave ( $r = 0,247$ ).

De forma a tentar compreender a relação entre os padrões de vinculação e a agressão e vitimação em contexto escolar, procederam-se a análises correlacionais das duas escalas em estudo – IVIA e QEVE. Verificou-se que os comportamentos de vitimação (exclusão social e agressão física) e de agressão (exclusão social e agressões físicas menos graves) apresentam correlações negativas e estatisticamente significativas com a vinculação segura. Estes resultados apontam para que alunos que estabeleceram vinculações seguras estão, tendencialmente, menos envolvidos em situações de vitimação ou de agressão. Verificou-se, também, que a vitimação de exclusão social e agressão verbal apresenta uma correlação positiva e estatisticamente significativa com a vinculação ansiosa ou ambivalente, embora baixa ( $r = 0,175$ ). Verificaram-se também correlações estatisticamente significativas entre a vinculação ansiosa ou ambivalente e a observação de agressões físicas e de exclusão social ou agressões verbais ( $r = 0,212$  e  $r = 0,134$ , respectivamente).

## CONCLUSÕES E DISCUSSÃO

Este estudo mostrou que a forma de agressão e de vitimação mais frequente é a exclusão social e a agressão verbal, comportamentos de natureza mais relacional, sendo seguidos dos comportamentos de agressão física. Estes resultados são concordantes com os resultados obtidos quer nos estudos com jovens madrilenos (Diaz-Aguado, 2004), quer em diversos estudos portugueses (por exemplo, Duarte & Melo, 2010; Martins, 2009; Pereira & Melo, 2009). No entanto, e tal como referido pelas mesmas autoras, estes dados contrariam o que a investigação mostra, ou seja que entre estas a agressão física e verbal é geralmente mais frequente e que só em adolescentes mais velhos é que a exclusão social ganha mais ênfase (Olweus, 1999a; 1999b; Whitney & Smith, 1993). Este estudo mostrou, também, que a escala de observação apresentou resultados mais elevados, tal como já tinham evidenciado os estudos de Martins (2009).

Verificou-se que os rapazes apresentam um maior número de comportamentos violentos para com os seus pares (quer como vítimas, quer como agressores) em comparação com as raparigas, aspecto já referido noutros estudos (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001; Pereira, 2002; Olweus, 1999a; 1999b; Whitney & Smith, 1993). Tal como no estudo de Freire, Veiga Simão & Ferreira (2006), as raparigas apresentaram resultados mais elevados na dimensão Observador - Exclusão Social e Agressão Verbal, o que mostra existir uma maior tendência para as raparigas estarem mais envolvidas em situações de agressão indirecta ou verbal e os rapazes em situações de agressões físicas.

Os alunos que gostam menos da escola apresentam mais comportamentos agressivos e vitimação de cariz mais físico, tal como encontraram Spriggs, Iannotti, Nansel & Haynie (2007). No que diz respeito à percepção de amigos na Escola, verificou-se que os alunos que apresentavam médias mais elevadas na condição de vitimação, quer em termos de exclusão social, quer em termos de agressões mais físicas, eram alunos que referiam ter “Nenhuns/Poucos Amigos”, o que, tal como mostraram (Griffin & Gross, 2004) confirma a baixa percepção de suporte social por parte de crianças

vitimizadas, sendo estas mais rejeitadas e estando mais isoladas, o que as poderá tornar, ainda mais, alvos prováveis para a violência. A percepção de amigos mostrou-nos, ainda, tal como referiram Hodges, Malone & Perry (1997) que ter uma rede de suporte, funciona como um factor protector para a ocorrência de comportamentos agressivos e de vitimação em contexto escolar.

Este estudo mostra ainda que alguns alunos vítimas são, simultaneamente, vítimas de violência verbal/exclusão social e de violência física, tal como alguns alunos agressores, sendo que alguns agressores que excluem socialmente as suas vítimas também as agredem fisicamente. Muitos alunos parecem envolver-se em situações de vitimação e de agressão, simultaneamente, aspecto que tem vindo largamente a ser abordado noutros estudos (Carney & Merrell, 2001; Diaz-Aguado, 2005; Griffin & Gross, 2004; Martins, 2005b; 2009; Solberg, Olweus & Endresen, 2007), dando ênfase ao termo “vítimas activas ou provocadoras”. Por fim, este estudo mostra que muitos alunos observadores são, simultaneamente, agressores ou vítimas. Isto é, a observação constante de violência pode, tal como referem Amado & Freire (2002) e Meyer-Adams & Conner (2008), levar o jovem a interiorizar modos de agir baseados na agressão, afectando a sua personalidade e o seu desenvolvimento moral (Amado & Freire, 2002; Juvonen, Graham & Schuster, 2003). Estes resultados corroboram outros estudos realizados com a população portuguesa (Duarte & Melo, 2010; Martins, 2009).

No que diz respeito à relação existente entre os comportamentos agressivos e de vitimação em contexto escolar e os padrões de vinculação na infância e na adolescência, verificou-se que os alunos que estabeleceram vinculações seguras estão, tendencialmente, menos envolvidos em situações de vitimação ou de agressão. Estudos longitudinais mostram que a vinculação segura aumenta a probabilidade da criança estabelecer relações com pares de melhor qualidade, melhora a capacidade de auto-regulação emocional e diminui a probabilidade de problemas de comportamento (Berlin & Cassidy, 1999; Thompson, 1999; Sroufe et al, 2005) Em relação aos alunos com vinculações ansiosas/ambivalentes, verificou-se que estes estavam, tendencialmente, mais envolvidos em situações de vitimação de exclusão social

ou agressão verbal (Carney & Merrell, 2001; Diaz-Aguado, 2005; Nickerson, Mele & Princiotta, 2008; Sroufe et al, 2005)

Os resultados obtidos para as vinculações inseguras (evitantes e ansiosas/ambivalentes), mostram que a insegurança na vinculação pode funcionar como um factor de risco para o aparecimento de problemas de internalização (isolamento e inibição emocional) de externalização (agressividade e comportamentos hostis) (Greenberg, 1999).

O presente estudo permite-nos, também, reflectir um pouco sobre os seus contributos para a intervenção psicológica em contextos educativos. As evidências empíricas mostram que a percepção de amigos em contexto escolar e a segurança da vinculação funcionam como factores protectores à ocorrência de comportamentos agressivos entre pares. Este aspecto é extremamente importante na intervenção psico-educativa, pois mostra a importância da promoção das redes sociais de suporte na escola, desde muito cedo. Promover as relações sociais, as amizades e o bem-estar social na escola pode ser uma estratégia poderosa para fazer face aos fenómenos agressivos nas escolas.

Promover competências sociais e estratégias de resolução de problemas e de conflitos pode ser, também, um ponto de referência. Ajudar as crianças a lidar com os problemas sociais e a saberem comportar-se assertivamente pode ser um aspecto preventivo muito forte no combate à agressividade e vitimação entre pares em contexto escolar. Esta promoção de competências não só permite que as crianças/jovens se saibam “defender” (parando ou evitando que os comportamentos agressivos ocorram), como também favorece a manutenção de relações sociais de maior qualidade. Será importante também facilitar a implementação de medidas preventivas na sala de aula e na escola visando a melhoria do clima relacional, bem como promover a formação de pais/encarregados de educação e agentes educativos nesta área.

A investigação sobre a vinculação mostra que a segurança das relações é um factor extremamente poderoso para a saúde mental e social, pelo que criar figuras de referência na escola (como poderá ser o caso da figura do “tutor”) pode ser, também, uma estratégia a adoptar no sentido de promover o bem-estar e as relações de melhor qualidade.

Por fim, será de salientar que somente programas que envolvam políticas para toda a Escola (Whole-School Policy) e que desenhem intervenções a diferentes níveis (Escola, Salas de aula, Indivíduos, Comunidade) são susceptíveis de obterem sucesso na redução da violência escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, A. M. (1999). Portugal. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A Cross-National Perspective*. London: Routledge

Amado, J., & Freire, I. (2002). *Indisciplina e violência na Escola - Compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA.

Belkin, L. J. & Cassidy, J. (1999). Relations among relationships – contribution from attachment theory and practice. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications* (pp. 688-712). New York: Guilford Press

Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Attachment*. London: Basic Books (edição revista, 1982)

Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Separation*. London: Basic Books

Bretherton, I. & Munholland, K. A. (1999). Internal Working Models in Attachment Relationships. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research, and clinical applications* (pp. 265-286). London: The Guilford Press.

Carney, A. G., & Merrell, K. W. (2001). Bullying in schools: Perspective on understanding and preventing an international problem. *School Psychology International*, 22(3), 364–382

Carvalho, M. (2007). Vinculação, Temperamento e Processamento da Informação: Implicações nas Perturbações Emocionais e Comportamentais no início da Adolescência. Tese de Doutoramento não publicada. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal

Carvalhosa, S. F. (2007). O Bullying nas Escolas Portuguesas. Comunicação apresentada no Seminário “Bullying, Violência e Agressividade em Contexto Escolar”.

Carvalhosa, S. F., Lima, L. & Matos, M. G. (2001) Bullying –A provocação/ vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise psicológica*, nº XIX vol.4, (pp. 523-537)

Carvalhosa, S., & Matos, M. (2005) Provocação entre pares em idade escolar. In M. Matos (ed.). Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola (3ª ed.). Cruz Quebrada: FMH Edições.

Diaz-Aguado, M. J. (2004). La violencia entre iguales en la escuela y en el ocio. Estudios comparativos e instrumentos de evaluación. In M. J. Diaz-Aguado, R. Arias & G. Seoane (Dir.). *Prevención de la violencia y lucha contra la exclusión desde la adolescencia*. Madrid: Instituto de la Juventud

Diaz-Aguado, M. J. (2005). La violencia entre iguales en la adolescencia y su prevención desde la escuela. *Psicothema*, 17, 4, 549-558

Duarte, M. & Melo M. (2010). Violência entre pares e vinculação na adolescência: um estudo com estudantes do 7.º ano de escolaridade. In L. S. Almeida; B. D. Silva & S. Caires (Orgs.), *Actas do I Seminário Internacional “Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”* (pp. 1683 – 1699). Universidade do Minho: CIEd - Centro de Investigação em Educação

Eliot, M. & Cornell, D. G. (2009). Bullying in Middle School as a Function of Insecure Attachment and Aggressive Attitudes. *School Psychology International*, 30 (2), 201-214

Fabre-Cornali, D., Emin, J. & Pain, J. (1999). France In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A Cross-National Perspective*. London: Routledge

Freire, I. P., Veiga Simão, A. M., Ferreira, A. S. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19 (2), pp. 157-183.

Fonzi, A., Genta, M. L., Menesini, E., Bacchini, D., Bonino, S. & Costabile, A. (1999). Italy In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R.



Catalano & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A Cross-National Perspective*. London: Routledge

Greenberg, M. Y. (1999). Attachment and psychopathology in childhood. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications* (pp. 355-377). New York: Guilford Press

Griffin, R. S. & Gross, A. M. (2004). Childhood bullying: Current empirical findings and future directions for research. *Aggression and Violent Behavior*, 9, 379–400

Hazler, R. J. (1996). *Breaking the Cycle of Violence: Interventions for Bullying and Victimization*. Washington, DC: Accelerated Development

Hodges, E., Malone, M. J. & Perry, D. G. (1997). Individual risk and social risk as interacting determinantes of victimizations in the peer group. *Developmental Psychology*, 33, 6, 1032-1039.

Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T. & Soares, I. (2007). Vinculação na Adolescência. In I. Soares (coord.) *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilibrios Edições

Juvonen, J., Graham, S. & Schuster, M. A (2003). Bullying Among Young Adolescents: The Strong, the Weak, and the Troubled. *Pediatrics*, 112, 6, 1231-1237

Meyer-Adams, N. & Conner, B. T. (2008). School Violence: Bullying Behaviors and the Psychosocial School Environment in Middle Schools. *Children & Schools*, 30, 4, 211-221

Martins, M. J. (2009). *Maus-Tratos entre adolescentes na escola*. Penafiel: Editorial Novembro.

Melo, M. & Pereira, T. (2007). Processos de Mediação na Emergência do Modelo Ecológico – Desenvolvimento em Psicologia da Educação. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, XI, Vol. 15, N.º 2, pp. 41-54.

Moss, E., Rousseau, D., Parent, D., St-Laurent, D. & Saintonge, J. (1998). Correlates of attachment at school age: Maternal reported stress mother-child interaction, and behavior problems. *Child Development*, 69, 1390-1405

Nickerson, A., Mele, D. & Princiotta, D. (2008). Attachment and empathy as predictors of roles as defenders or outsiders in bullying interactions. *Journal of School Psychology*, 46, 687–703

Olweus, D. (1993) *Bullying in Schools: What We Know and What We Can Do*. Oxford: Blackwell.

Olweus, D. (1999a). Norway. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A Cross-National Perspective*. London: Routledge

Olweus, D. (1999b). Sweden. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A Cross-National Perspective*. London: Routledge

Olweus, D. & Limber, S. P. (2010). Bullying in School: Evaluation and Dissemination of the Olweus Bullying Prevention Program. *American Journal of Orthopsychiatry*, 8 (1), 124-134.

Ortega, R. & Mora-Merchan, J. A. (1999). Spain. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A Cross-National Perspective*. London: Routledge

Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Pereira, T. & Melo, M. (2006). O fenómeno do bullying, da agressão e da vitimação em contexto escolar... Efeitos do programa “Outra(s) Forma(s) de Brincar” numa Escola de 1º Ciclo do distrito de Évora. In N. R. Santos, M. L. Lima, M. M. Melo, A. A. Candeias, M. L. Grácio & A. A. Calado (Orgs.), *Actas do VI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Évora: Departamento de Psicologia da Universidade de Évora.

Pereira, T. & Melo, M. (2009). Programa Outra(s) Forma(s) de Brincar: 3 anos de intervenção. *Actas do Congresso Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 4619-4635). Braga: Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho.

Perry, D., Perry, L. & Boldizar, J. P. (1990). Learning of aggression. In M. Lewis & S. M. Miller (Eds.), *Handbook of developmental psychopathology* (pp. 135-146). New York: Plenum

Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C. & Magarinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 4 (XXII): 643-665

Sharp, S. & Smith, P. K. (1994). *School Bullying. Insights and perspectives*. London & New York: Routledge

Soares, I. (1996a). *Representação da Vinculação na Idade Adulta e na Adolescência Estudo Integral: mãe-filho(a)*. Serviço de Publicações, Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho: Braga.

Soares, I. (1996b). Vinculação: Questões teóricas, investigação e implicações clínicas. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 11, 35-72

Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (coord.) *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilibrios Edições

Soares, I., Martins, E. & Tereno, S. (2007). Vinculação na Infância. In I. Soares (coord.) *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilibrios Edições

Solberg, M. E., Olweus, D. & Endresen, I. M. (2007). Bullies and victims at school: Are they the same pupils? *British Journal of Educational Psychology*, 77. 441 -464

Spriggs, A. L., Iannotti, R. J., Nansel, T. & Haynie, D. (2007). Adolescent Bullying Involvement and Perceived Family, Peer and School Relations: Commonalities and Differences Across Race/Ethnicity. *Journal of Adolescent Health*, 41, 283–293

Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E. A. & Collins, W. A. (2005). *Development of the person: The Minnesota study of risk and adaptation from birth to adulthood*. New York: Guildford Press



Thompson, R. A. (1999). Early attachment and later development. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research, and clinical applications* (pp. 265-286). London: The Guilford Press.

Whitney, I. & Smith, P. K. (1993). A Survey of the Nature and Extent of Bullying in Junior/Middle and Secondary Schools. *Educational Research*, 35 (1), 3-25. (abstract)

**Recebido em 20/12/2010. Aceito em 15/2/2011.**